

CALABETÃO

PMS	FMLT	LEVIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	26/03/02	
Caderno	Local	Página 4
Seção		
Assunto	Bairro	

Calabetão é sobrecarregado de problemas

ESPERANÇA
Os moradores acreditam que um dia o bairro seja melhorado

SILVIA NASCIMENTO

O bairro do Calabetão, localizado no Km 5 cinco da BR-324, com acesso nas proximidades da Estação Pirajá, é uma daquelas localidades da qual se pode dizer que falta tudo, menos a esperança. Constantemente incluído na crônica policial, o bairro amarga há três meses o aumento no número de estupro, segundo alguns moradores. As carências vão desde a falta elementar de segurança até uma farmácia - a única do bairro é precária e não tem farmacêutico. E se precisar de atendimento de emergência, o centro de saúde mais próximo que atende 24 horas é no bairro de São Caetano.

Andando pelas ruas dá para ver o grande número de crianças. Escola e oficinas para atividades extracurriculares são preocupações da líder comunitária Joselita Alves Capinam, do Clube de Mães de Calabetão. As antigas construções de teto de palha que deram início à invasão cederam lugar a moradias de alvenaria, mas a característica, como todo bairro surgido a partir de ocupação sem planejamento, são ruas estreitas e casas coladas umas às outras, pequenas, quase sem quintais. Há apenas duas escolas no bairro, com cerca de 30 mil habitantes.

Na parte alta do Calabetão, as 27 ruas foram asfaltadas - benefício conseguido na administração do prefeito Fernando José (gestão entre 1989 e 1993). Em algumas, o asfalto já está precário, mas a condição das moradias é bem melhor do que o quadro encontrado na Baixa do Calabetão. Ali, aponta o morador Moisés Paixão dos Santos, de 35 anos, nascido e criado naquela localidade, a situação é crítica: "Se aqui em cima só tem dois colégios, lá, a gente não tem nenhum. Falta saneamento básico, a maioria das casas não tem água encanada, não tem asfalto - as crianças andam na lama", reclama o morador.

Área de lazer

Moisés hoje faz parte com um grupo de umas 50 pessoas, da Associação de Pais e Amigos do Calabetão, uma representação comunitária ainda não oficializada, segundo um dos seus integrantes. O grupo que jogava cartas e dominó para compensar a falta de área de lazer no bairro, montou uma sede na Praça da Esperança, que fica logo na entrada do Calabetão, e com renda própria está tentando construir uma quadra de esportes em frente ao campo de futebol. O campo, diz Ivo Francisco dos Santos, morador da rua Raimundo Urbano há 22 anos, "é uma das únicas coisas boas do Calabetão, de fazer inveja a outros bairros". Precisa, no entanto, de cerca de alambrado, uma



arquivancada, como foi feito em quadras como no Vale das Muriçocas, por exemplo, pela prefeitura.

Ivo foi o responsável pela implantação da Rádio Comunitária Voz do Calabetão, em 1997, hoje Rádio Comunitária Metropolitana sob a responsabilidade do comunicador comunitário Antônio Nelito. A crise financeira fez com que a rádio fosse fechada há um ano. Nelito assumiu há três meses. Conta que a rádio vive a duras penas, pois o comércio do Calabetão ainda é frágil. A maioria das casas comerciais são mercadinhos e mercearias que vendem de tudo um pouco. No bairro todo, apenas uma farmácia atende à população e os próprios comerciantes são obrigados a pagar segurança particular, pois viatura da PM pouco aparece por ali. O bairro é coberto pelo 5º BPM e está na circunscrição da 10ª Delegacia, de Pau da Lima. Para ele, o Calabetão não se compara às localidades como Nordeste de Amaralina e Vale das Pedrinhas, bem mais violentos, segundo ele, mas está perto disso.

Há mais de dois anos, o Calabetão perdeu o único posto policial com que contava. "Nós sabemos que um soldado sozinho não podia sair correndo atrás de bandido, mas era, pelo menos, uma garantia", revela a líder comunitária Joselita Alves Capinam. A creche do Clube de Mães dá atendimento a 66 crianças. Ela divide a liderança do bairro com a representante da Associação de Moradores Parque Centenário, dona Mariinha, e a recém-criada associação de moradores e amigos, que ainda não tem cunho oficial, segundo Ivo.

A rua Clériston Andrade é a rua principal de serviços públicos do Calabetão. Nela, estão instaladas as duas escolas - Escola Municipal do Calabetão, a primeira do bairro, fundada pelo professor Renato Schindler em 1981, e a Escola Municipal Leovígia Andrade, com capacidade para 900 alunos, da 1ª à 4ª série. Falta escola para alunos da 5ª série ao 2º grau. Ainda na Clériston, funciona o Centro de Saúde Calabetão, de responsabilidade da prefeitura, com atendimento ambulatorial, vacinação e curativos das 7 às 17 horas. Após este horário, emergência, só no centro de saúde 24 horas mais próximo, que fica em São Caetano. Também nesta rua estão instaladas duas das oito igrejas que atuam no bairro: Assembléia de Deus e Universal do Reino de Deus. Também existem três templos da Igreja Católica, e as evangélicas da Graça de Deus, é Amor, da Nova Vida, Igreja Batista Memorial e Testemunhas de Jeová. Segundo Nelito, "religião é a única coisa que não falta ao Calabetão."



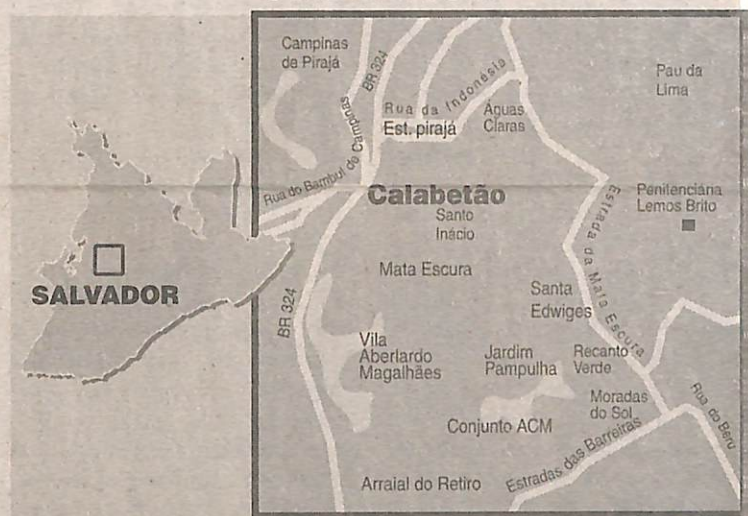
Com uma população de 30 mil moradores, o bairro carece de segurança, transporte, escolas e de coleta regular de lixo

Origem é polêmica

Não existem dados sobre a origem do Calabetão. Existem duas histórias. Segundo Ivo, da Associação de Amigos, uma fala sobre um morador briguento e falastrão, chamado "Betão" que o povo vivia mandando se calar. É contada em tom de piada. Outra dá conta da existência de uma moradora chamada Maria Kalabetan que seria descendente de escravos e dona das terras. Joselita acha improvável esta história. Ela conta que quando Maria Calabetão apareceu, o bairro já existia. As terras faziam parte de

uma fazenda reivindicada por um delegado de nome Nilson Ferreira Coelho que perseguia os posseiros e derrubava as casas de palha por eles levantadas. Com a preocupação de recolher documentos para regularização da posse da terra, Joselita Capinam encontrou documento de uma posseira - Maria Estefânia Cerqueira, já falecida - datado de 1912. Com a pesquisa, Joselita espera obter a regularização da posse. Segundo ela, se assim fizer, a prefeitura poderá cobrar IPTU e levar melhorias para o bairro.

ONDE FICA



Editoria de Arte/A TARDE



Preservado pela comunidade, o campo de futebol representa a única área de lazer

Transporte precário

Na Baixa do Calabetão, moradores foram remanejados para ceder espaço à passagem do metrô de Salvador, mas enquanto o transporte de massa não chega, além da segurança, os moradores do Calabetão querem da prefeitura melhorias no sistema de transporte coletivo. O bairro é servido por meio da empresa ITT - por apenas um ônibus que leva os usuários do bairro até a Estação Pirajá de onde pegam o transporte para outras localidades. O coletivo leva até 40 minutos para aparecer e, à noite, muitas vezes os estudantes são obrigados a andar da Estação Pirajá até o Calabetão, segundo Joselita Capinam, porque o ônibus desaparece. Joselita quer, também, a instalação de escolas profissionalizantes como forma de criar atividade e evitar que os jovens ingressem nas drogas.